

Trabalhadores, horizontes e movimentação*Daniela Melo Rodrigues¹*

Resenha recebida em 04/02/2019 e aprovada em 17/05/2019.

Ao analisar os trabalhadores em nossas produções encontramos desafios diversos, os quais permeiam o modo como narramos a experiência dos mesmos articulada com a historicidade em que estão inseridos. Além disso há o enfrentamento da complexidade dessas relações e o interesse em tratar a dinâmica expressa ao refletir acerca de sujeitos que ainda estão produzindo seus percursos na atualidade. Nesse sentido, os motes de pesquisa para investigar as experiências de trabalhadores se depara com uma multiplicidade de caminhos interpretativos. A produção de Santos se encontra nesse meandro de possibilidades, provocando seus leitores com a inquietação de olharmos para as experiências de trabalhadores de maneira integral.

O livro, oriundo da tese de doutorado do autor, realizada no programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Uberlândia em 2015, amplia o debate envolvendo principalmente a imagem produzida sobre certos trabalhadores. Marechal Cândido Rondon-PR é o território escolhido por Santos, no qual consegue produzir uma articulação entre as experiências de seus sujeitos e a cidade. A obra possui uma investigação densa no que tange ao modo como olhamos para nossos sujeitos e a investigação proposta.

A problemática do autor propõe analisar a presença de trabalhadores na cidade, partindo de sujeitos que não nasceram nessa, mas a avaliaram como uma possibilidade. Muitos, ou moram em outra cidade e trabalham em Marechal Cândido Rondon-PR, ou partiram dessa para outra cidade. O período de análise abrange de 1950 a 2015, o amplo recorte se faz a fim de entender o processo histórico que envolve sujeitos presentes na cidade desde a década de 1950.

Santos questiona, com mais ênfase ao final do livro, sobre quem foram os “pioneiros”, debatendo sobre as ações dos trabalhadores que participaram na constituição da cidade e ao longo dessa segunda metade do século XX e início do século XXI. Porém, o mote principal perpassa o que o autor destacou logo em seu título, os “horizontes abertos”, refletindo como esses trabalhadores avaliam possibilidades e produzem alternativas. Assim, analisou as ações produzidas por esses sujeitos, mesmo que essas sejam compostas de fatores limitadores, os quais também aparecem na obra.

Nesse sentido, Santos analisa a experiência desses sujeitos com o auxílio do debate realizado por Potelli¹¹, explorando a noção de “representativo”, de forma que um sujeito não expresse a homogeneidade das relações, mas abre para os campos de possibilidades presentes na experiência social compartilhada. O autor discutiu durante a obra sujeitos e relações que são representativos da complexidade que envolve a presença de trabalhadores construindo seus horizontes em Marechal Cândido Rondon-PR ou ao deixar tal cidade.

As fontes utilizadas no livro espelham um amplo processo de pesquisa por parte do autor, explorando acervos processuais, da imprensa e diários pessoais, além de narrativas orais produzidas no diálogo com trabalhadores. Durante os três capítulos as fontes são exercitadas enquanto evidências historiográficas, sendo debatidas por Santos e articuladas umas às outras ou então com autores privilegiados no debate. As entrevistas, matérias do jornal O Presente, reportagens radiofônicas do programa Frente

TRABALHADORES, HORIZONTES E MOVIMENTAÇÃO

DANIELA MELO RODRIGUES

Ampla de Notícias-Difusora FM, processos criminais e trabalhistas, caderno de novenas, entre outras documentações, compõe o campo de evidências tratado na obra.

O autor instiga a leitura e a reflexão acerca das ações desses trabalhadores, ações essas que podem ser vistas “polifônicas”, ou seja, que ressoam de maneira ambígua, e que mesmo assim podem evidenciar o protagonismo desses sujeitos nas relações classistas. O termo “movimentação social” surge na narrativa do autor no intuito de destacar a maneira como vemos as ações dos trabalhadores que analisamos, calcado nas imagens expressas pela presença desses sujeitos na sociedade.

Santos abre brechas para analisar a atuação desses trabalhadores e como essas estão imbricadas a seus valores, indo além da sintomia de encarar esses sujeitos como subservientes e/ou deferentes. Assim, questiona “Não estariam também esses em movimento, lutando por aí (na ordem do dia), apesar de não estarem ligados a nenhuma entidade organizativa e/ou coletiva?”^{III}

O autor não nega a importância dos movimentos sociais e das produções que os envolvem, pelo contrário, escreve sobre como esse é um caminho legítimo dentro da evidenciação dos trabalhadores pela historiografia. A intenção de Santos, porém, é chamar atenção para os momentos em que a experiência desses sujeitos se faz na integralidade de sua vida, pois acredita que, ainda assim, continuam a confrontar as relações de poder, de exploração e desigualdade.

Os escritos de Thompson^{IV}, que faz parte do repertório teórico-metodológico de Santos, destaca que não há como os trabalhadores participarem de movimentos todos os dias e nem mesmo compete a nós produzir essa exigência. Dessa maneira, a obra aqui resenhada propõe o caminho “[...] de evidenciar o protagonismo da movimentação social de trabalhadores, observando, no entanto, a materialidade histórica de onde emergem suas condutas”^V. Para o autor, que concluiu seu pós-doutorado no mesmo ano de publicação do livro, interessou investigar esses trabalhadores em movimento, atentando-se à dinâmica de tensões em que se viram envolvidos.

A obra possui três capítulos, fora as considerações iniciais e finais que compreendem parte fundamental nessa obra. As considerações iniciais abrem com a história de Zé do Burro, personagem da obra *Pagador de Promessas*, de Dias Gomes^{VI}, e uma das falas do personagem “... moço, eu acho que o senhor não me entendeu... ninguém ainda me entendeu...”. A proposta do autor é que olhemos a movimentação social desses sujeitos a fim de entendê-los em sua complexidade.

Os capítulos foram separados de acordo com os sujeitos e questões que esses envolvem. Assim, o primeiro perpassa a “*Presença e imagens de trabalhadores*” que foram para Marechal Cândido Rondon-PR ao longo da temporalidade privilegiada. Nesse capítulo, o autor analisa o que chamou de “aparente resignação”, ou seja, mesmo quando esses trabalhadores parecem, em um primeiro olhar, serem condescendentes e subservientes é possível compreender ações (mesmo que limitadas) na contramão desse suposto.

Logo, os sujeitos trazidos expõem momentos diferentes do recorte temporal analisado pelo historiador, a fim de evidenciar permanências e mudanças nas ações que compõe a luta por sobrevivência e novos horizontes. Trabalhadores que buscaram alternativas para modificar sua condição, ou mesmo para minimizarem o sentimento de desigualdade, promovendo ações que delimitam confrontos evidentes, como os expressos nos processos trabalhistas e criminais, ou mesmo nas entrelinhas de ações narradas por trabalhadores como Rogério, que furou o pneu de sua bicicleta 18 vezes

TRABALHADORES, HORIZONTES E MOVIMENTAÇÃO

DANIELA MELO RODRIGUES

para alegar atraso no trabalho, mas que, na verdade, já estava em período de experiência em outro local que almejava trabalhar.

O autor analisa também no primeiro capítulo acerca das “diferenciações em terreno comum”, partindo da reflexão sobre a condição de trabalhadores, com determinadas identificações e momentos de diferenciação. Nesse momento da reflexão, Santos lida também com a noção de solidariedade, abrindo o debate para a amplitude que envolve a classe trabalhadora.

Durante o capítulo dois “*Sobre a movimentação social*”, o autor expressa o incômodo enquanto historiador em classificar os sujeitos e suas experiências, uma questão que perpassa o interesse investigativo acadêmico e não necessariamente a trajetória dos trabalhadores, que seguem na produção de seus percursos para além das denominações que estabelecemos. Isso se deu visto a um de seus entrevistados que trabalhava em Marechal Cândido Rondon-PR, mas não morava na cidade no momento da entrevista, porém, posteriormente esse sujeito se mudou novamente e, assim, dificultou o onde e como situar sua experiência. Destacaria apenas o momento do diálogo ou levava em consideração sua partida?

Ao levar em consideração a saída desse trabalhador, o autor abriu um leque de possibilidade durante a investigação de sujeitos que chegam e saem de Marechal Cândido Rondon-PR. “O que [esses trabalhadores] estão colocando em questão ao buscarem outros horizontes de possibilidades?”^{VII}. Essa é umas das questões lançadas para compor o capítulo, que intriga o debate e cativa os leitores. A “movimentação” desses trabalhadores provocou a investigação de algumas recusas e/ou “afirmações de perspectivas” por parte dos mesmos durante a saída da cidade, permitindo avaliar o que ela significou.

Nesse capítulo, o autor debate ainda com alguns marcos cronológicos definidos historiograficamente em relação aos trabalhadores e à cidade de Marechal Cândido Rondon-PR. Esses marcos “[...] supõe que entre as décadas de 1950 e 1960 esses sujeitos chegavam; que a partir de meados da década de 1970 muitos partiram em bando; e que esse fluxo passa a reequilibrar-se a partir da década de 1990.”^{VIII}. Porém, com suas evidências o autor interpreta que há uma complexidade maior por trás dessa cronologia, que não abarca determinados sujeitos que também compuseram parte significativa desse processo histórico.

O capítulo também estabelece um debate sobre as intenções desses sujeitos em suas relações de trabalho. Logo, o autor problematiza as matérias que repercutem a falta de capacitação dos trabalhadores como um desinteresse desses e como motivadora da não contratação e de demissões. Porém, Santos contesta essa interpretação e aponta que seria importante averiguar a relação entre a dificuldade de contratação/manutenção de trabalhadores nas indústrias da cidade e a exploração enfrentada por esses, juntamente analisando como a saída do trabalho pode estar ligada à avaliação desses sujeitos sobre a integralidade de sua vida e relações.

Por fim, no capítulo três “*Trajetórias desiguais em pautas relacionadas*” o autor debate sobre aqueles sujeitos que vieram para Marechal Cândido Rondon-PR no intuito de “mudar a vida”, mas ao olharem para sua trajetória se deparam com “expectativas frustradas”.

Dentre os sujeitos analisados, há a análise de um senhor que é considerado um dos “pioneiros” da cidade, mas que ao se encontrar com idade avançada lida com a contradição de possuir esse título e precisar enfrentar os descontentamentos dos resultados de sua “vida de trabalho”. Durante a reflexão é possível visualizar a

TRABALHADORES, HORIZONTES E MOVIMENTAÇÃO

DANIELA MELO RODRIGUES

ambivalência de sujeitos que perpassaram as durezas que envolvem a classe trabalhadora, no intuito de poderem olhar sua trajetória e conseguiram pautar mudanças na qualidade de vida, mas que ora não conseguiram efetivar determinadas expectativas e ora a fizeram à custa de explorar outros sujeitos.

A análise explicita como muitos trabalhadores buscam formas de ascensão de classe, destacando com aqueles que se encontram nessa dinâmica lidam, em alguma medida, com a exploração de outros trabalhadores. O autor propõe discutir como “tornaram-se capitalistas exemplares”. O intuito foi analisar os modos de viver desses sujeitos e suas ambiguidades ao se embrenharem na lógica do capitalismo, destacando como certos trabalhadores compõe interesses e buscam alterar suas proposições na sociedade contemporânea.

O livro é encerrado com uma significativa proposição por parte do autor, que tange em abrir questões que justificam sua análise e inquietações. A reflexão produzida no decorrer de toda a obra contribui para a reflexão sobre o modo como vemos o processo histórico e os sujeitos que nele tomam parte. Nesse sentido, a obra vai além da exposição da tese do autor, suas linhas instigam o leitor a pensar sua própria narrativa, sua inserção na análise histórica.

Resenha recebida em xx/xx/xxxx e aprovada em xx/xx/xxxx.

Notas

^I Mestranda pelo programa de Pós-Graduação: História, Poder e Práticas Sociais, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Este texto foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: danielamelorodrigues@hotmail.com

^{II} PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*. Rio de Janeiro, v. 1, n.2, dez. 1996; 59-72.

^{III} SANTOS, Carlos Meneses de Sousa. Op. cit., p.217

^{IV} THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Unicamp, 2001

^V Idem, p.41

^{VI} GOMES, Dias. *O pagador de promessas*. 36. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

^{VII} SANTOS, Carlos Meneses de Sousa. Op. cit., p.131

^{VIII} Idem, p.130

REFERÊNCIA

SANTOS, Carlos Meneses de Sousa. **Trabalhadores em movimento: Horizontes abertos em Marechal Cândido Rondon-PR: Segunda metade do século XX e início do XXI**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. 240p.